

# A nova vida do cidadão Sarney

Mário Rosa

BRASÍLIA — Calça de tergal cinza com o cós dobrado para fora, camisa de algodão branca com o monograma JS em azul e tênis cinza de borracha nos pés, ele até parece outra pessoa. Sobre a cabeça grisalha, que deixou de tingir com tintura de acaju, ostenta um chapéu de palha com o nome Sarney escrito a caneta e desbotado. Desde o início da semana, o homem que, durante os cinco anos em que morou no Palácio da Alvorada, celebrizou o jaquetão de seis botões, trocou sua residência na Ilha do Curupu, no Maranhão, pelo sítio São José do Pericumã, a 40 quilômetros de Brasília. De lá, o ex-presidente José Sarney observa os lances finais da batalha jurídica em que se envolveu para disputar uma cadeira ao Senado pelo Amapá. E, em conversa com amigos, já mostra sinais de arrependimento pelo fato de ter se lançado tão cedo de volta à política. Com isso, teria despertado paixões que impediriam um exame isento e distanciado de seu governo.

O cidadão José Sarney de hoje é a versão rural e pacata do Sarney de ontem. No poder, com uma simples assinatura, podia fazer subir ou despencar a cotação da arroba do boi e transformar em pó, ou em ouro, os quase 150 milhões de cabeças que compõem o rebanho nacional. No Plano Cruzado, seu ministro Dílson Funaro teve sua fase de caçador obsessivo de boi gordo. Ontem de manhã, com uma vara de madeira à mão, ganha numa feira em Uberaba, a maior preocupação do ex-presidente era fiscalizar a saúde de uma vaca parida, produtora de 35 litros de leite por dia e recordista absoluta entre as 112 cabeças do rebanho do Pericumã. "Dico, como ela vai?", indagava Sarney ao peão que toma conta do gado. Para ver melhor a rês, atravessou os seis metros de barro e estrume de seu curral e se certificou do diagnóstico do empregado. (Continua na pág. 2)

JUL 1980

JORNAL DO BRASIL